

# VIOÊNCIA CONTRA A MULHER PELA PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA: REVISÃO SISTEMÁTICA

## VIOLENCE AGAINST WOMEN FROM THE PERSPECTIVE OF PHENOMENOLOGY: SYSTEMATIC REVIEW

ANA LAÍS DA SILVA MORAES<sup>1</sup>, GLÓRIA VITÓRIA BATISTA SANTANA<sup>2</sup>, ANNE CAROLINE GOMES MOURA<sup>3\*</sup>

1. Acadêmica do curso de Psicologia e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA); 2. Acadêmica do curso de Psicologia e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA); 3. Graduação e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí (2016) e (2018), pós-graduada em Saúde pública e da família pela faculdade Internacional do delta e em Psicologia Hospitalar e da saúde pela Faculdade Conexão. Professora do curso de Psicologia do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA).

\*Rua São Pedro, número 455, centro, Bocaina, Piauí, Brasil. CEP: 64630-000. [carolinepsi01@gmail.com](mailto:carolinepsi01@gmail.com)

Recebido em 19/12/2023. Aceito para publicação em 04/01/2024

### RESUMO

Violência contra a mulher é considerada um fenômeno estrutural que faz parte da nossa sociedade patriarcal, atribuindo às mulheres um papel social de submissão ao homem. Nesse sentido, esse tipo de violência afeta a mulher em seu ser, na sua maneira de estar no mundo e na expressão do seu corpo, podendo deixar danos irreparáveis. Assim sendo, o seguinte estudo buscou constatar as seguintes discussões vigentes dos últimos 5 anos, no que diz respeito ao fenômeno da violência contra a mulher, dialogando com aspectos teóricos da fenomenologia para a elaboração do artigo. Para essa finalidade, foram consultadas quatro bases de dados, sendo elas, CAPES, SciELO, PePSIC e a BVS. A pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2023, sendo encontrados um total 6.044 artigos, em seguida, após o refinamento respeitando os critérios de inclusão, foram considerados 8 artigos. Foi possível constatar que a pesquisa é válida e leva a observar pela percepção de cada artigo e casos apresentados como esse corpo feminino é entendido por meio de uma construção social machista que ainda normaliza e de certa forma, esconde as situações de violência sofridas pelas mulheres, apresentando como a fenomenologia compreende esse aspecto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência contra a mulher; Fenomenologia; Psicologia.

### ABSTRACT

Violence against women is understood as a structural phenomenon that is part of our patriarchal society, giving women a social role of submission to men. In this sense, this type of violence affects women in their being, in their way of being in the world and in the expression of their body, and can leave irreparable damage. Therefore, the following study sought to verify the following current discussions over the last 5 years, regarding the phenomenon of violence against women, dialoguing with theoretical aspects of phenomenology to prepare the article. For this purpose, four databases were consulted, namely CAPES, SciELO, PePSIC and the VHL. The research was carried out in October 2023, finding a total

of 6,044 articles, then, after refinement respecting the inclusion criteria, 8 articles were considered. It was possible to verify that the research is valid and leads us to observe, through the perception of each article and cases presented, how this female body is understood through a sexist social construction that still normalizes and, in a certain way, hides situations of violence suffered by women, presenting how phenomenology understands this aspect.

**KEYWORDS:** Violence against women; Phenomenology; Psychology.

### 1. INTRODUÇÃO

Violência contra a mulher é considerada um fenômeno estrutural que faz parte da nossa sociedade patriarcal, atribuindo às mulheres um papel social de submissão ao homem<sup>1</sup>. Nesse sentido, esse tipo de violência afeta a mulher em seu ser, na sua maneira de estar no mundo e na expressão do seu corpo<sup>2</sup>, podendo deixar danos irreparáveis. Em 2002, a violência contra a mulher passou a ser considerada como um problema de saúde pública e como uma violação dos direitos humanos<sup>3</sup>. É relevante citar que no Brasil, com o objetivo de prevenir e coibir qualquer forma de violência contra a mulher, foi sancionada a Lei nº 11.340 de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, baseada em um caso real e que auxilia e protege todas as mulheres em situação de violência, independentemente de classe, cor, etnia, orientação sexual ou renda<sup>4</sup>.

A Lei Maria da Penha também define os tipos de violência contra a mulher, classificando-as em cinco categorias: física, psicológica, sexual, moral e patrimonial. A violência física diz respeito a qualquer ato que fira a integridade física da mulher<sup>4</sup>.

A violência física diz respeito a qualquer ato que fira a integridade física da mulher. A violência psicológica é entendida por qualquer atitude que cause dano emocional e que possa diminuir a autoestima da mulher, como ameaças, humilhação, chantagem etc. A violência

sexual ocorre quando a mulher é coagida a presenciar ou participar de relação sexual indesejada, ou/e quando tem de alguma forma seus direitos sexuais e reprodutivos limitados, como por exemplo o impedimento do uso de métodos contraceptivos. A violência patrimonial consiste em apreender ou destruir documentos pessoais, bens, instrumentos de trabalho, recursos econômicos da mulher etc. Por fim, a violência moral, é qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria, prejudicando a imagem da mulher<sup>4</sup>.

Em última instância, e que atinge muitas mulheres ao redor do mundo, é o crime de feminicídio, que se constitui como a morte de uma mulher pelo simples fato de ser mulher. Entende-se que existe uma conexão com as outras formas de violência até chegar no seu ápice, ou seja, no assassinato, portanto, o feminicídio é a continuação dessa violência<sup>5</sup>.

A escolha metodológica deu-se em razão de a fenomenologia possibilitar a compreensão a partir da experiência vivenciada<sup>6</sup>, podendo assim encontrar a essência do fenômeno e, portanto, desvelá-lo.

É pela percepção, em um ato humano, que se traz modos de acesso ao mundo, ao objeto, ao saber, que nos faz conhecer existências, problemas vividos e que está presente em cada momento vivenciado como uma recriação ou reconstituição do mundo<sup>7</sup>.

Segundo Husserl, nossa postura imediata diante do mundo e das coisas está associada a uma crença originária, na qual assumimos um caráter de irreflexão e ausência de questionamentos diante daquilo que nos envolve<sup>8</sup>. Com isso, se pode pensar sobre uma ideia que é implantada nas mulheres desde pequenas sobre uma supremacia dos homens sobre elas, que internalizada em suas concepções não conseguem questionar que algo está errado nos comportamentos emitidos a elas.

Por outro lado, é possível desenvolver posturas diferentes diante do mundo, questionando-o e pensando-o para além daquilo que os fatos empíricos nos mostram<sup>9</sup>. Dessa forma, vamos de encontro a um rompimento com a atitude natural a partir de uma nova atitude, a fenomenológica que se constituiria ações reflexiva e analíticas que buscam “elucidar, determinar e distinguir o sentido íntimo das coisas, a coisa em sua “doação originária”, tal como se mostra na consciência<sup>10</sup>.

A presença, denominada de Dasein ou ser-aí, é privilegiada por possuir "em seu ser a possibilidade de questionar" sobre o sentido do ser, de modo que "Elaborar a questão do ser é tornar transparente um ente - o que questiona - em seu ser"<sup>11</sup>. Nesse sentido, o risco que o Dasein corre é cair em seu próprio “mundo” impessoal e cristalizado pelo que ele mesmo vê como reflexo, ou seja, se recolhendo naquilo que se abre e fecha ao mesmo tempo, e encobrindo sua maneira mais originária de ser e estar no mundo<sup>9</sup>.

Por isso é fundamental compreender o horizonte histórico no qual o homem (Mensch) se relaciona para ser possível a desconstrução e o questionamento dos fenômenos que muitas vezes são encarados como

naturais, como por exemplo, a dominação masculina sobre o feminino e a violência<sup>9</sup>.

Conforme pesquisado, os assuntos mais apropriados para o método de investigação fenomenológica incluem as experiências da vida de uma pessoa, como medo, felicidade, compromissos e significados de algo. Portanto, a denúncia de um cônjuge violento, por agressões físicas, psicológicas ou sexuais, é uma temática que cabe ao método fenomenológico, por ser uma experiência vivida<sup>12</sup>.

Assim sendo, o seguinte estudo buscou constatar as seguintes discussões vigentes dos últimos 5 anos, no que diz respeito ao fenômeno da violência contra a mulher, dialogando com aspectos teóricos da fenomenologia para a elaboração do artigo.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Foram consultadas quatro bases de dados, sendo elas, CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SciELO (Biblioteca Eletrônica Científica), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e a BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). A pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2023, sendo encontrados um total 6.044 artigos, em seguida, após o refinamento respeitando os critérios de inclusão, foram considerados 8 artigos.

Garantindo a qualidade da revisão, foi utilizado o seguinte plano de trabalho: 1) delimitação da questão a ser pesquisada; 2) escolha das fontes de dados; 3) escolha das palavras-chaves para busca; 4) busca e armazenamento dos resultados; 5) seleção de artigos pelo resumo, de acordo com o critério de inclusão e exclusão; 6) obtenção dos dados dos artigos selecionados; 7) avaliação dos artigos e 8) síntese e interpretação dos dados<sup>13</sup>.

Foram definidos os seguintes descritores para a realização da pesquisa: (1) Violência contra a mulher; (2) Fenomenologia. Os critérios de inclusão foram: artigos científicos publicados entre o ano de 2018 até 2022, em língua portuguesa, no qual tivessem enfoque na violência contra a mulher na perspectiva fenomenológica. Os critérios de exclusão foram artigos científicos repetidos, revisões sistemáticas, trabalhos de conclusão de curso, teses, dissertações, livros e os artigos que não estavam de acordo com os critérios de inclusão.

Nos artigos analisados, algumas informações importantes como os autores do estudo, o ano de publicação, objetivo do estudo, *qualis* da revista e o tipo de pesquisa foram devidamente consideradas.

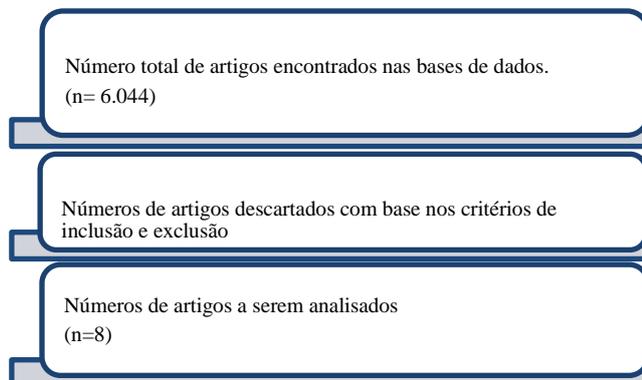
## 3. DESENVOLVIMENTO

Depois de realizada a busca nas bases de dados apresentadas anteriormente, empregando a palavra-chave “Violência contra a mulher”, foram obtidos um total de 2.019 artigos, sendo 1.714 artigos no portal de periódicos CAPES, 288 artigos do SciELO, 17 artigos do PePSIC e 0 artigos da BVS.

No que concerne à palavra-chave “Fenomenologia”, foram encontrados um total de 4.027 artigos, sendo

3.600 no portal de periódicos CAPES, 224 artigos do SciELO, 203 artigos do PePSIC e 0 artigos da BVS.

Para uma melhor compreensão do refinamento, segue o segue a figura abaixo:



**Figura 1.** Organograma das etapas de refinamento. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2023

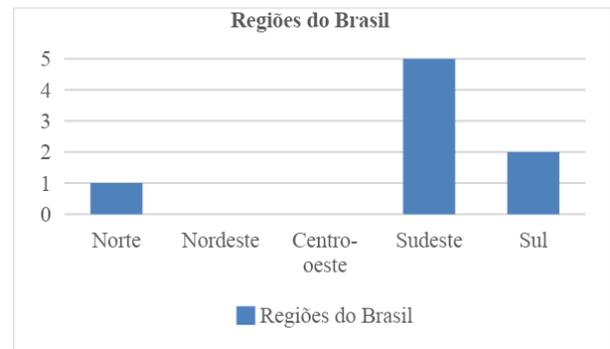
Assim sendo, após o refinamento com base na análise breve do resumo e das palavras-chaves dos artigos, objetivando a identificação de bibliografias que respeitassem aos demais critérios de inclusão deliberados para a realização da presente revisão sistemática, restaram apenas 8 artigos, sendo 5 artigos do portal de periódicos CAPES, 1 artigos da PePSIC, 0 artigos da BVS e 2 artigos do SciELO. Dessa forma, é válido constatar que 4 desses artigos são estudos teóricos e 4 são estudos de campo. Para uma melhor compreensão da quantidade total de artigos que foram analisados de acordo com o ano de publicação, segue a figura abaixo:



**Figura 2.** Quantidade de artigos de acordo com o ano de publicação. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2023.

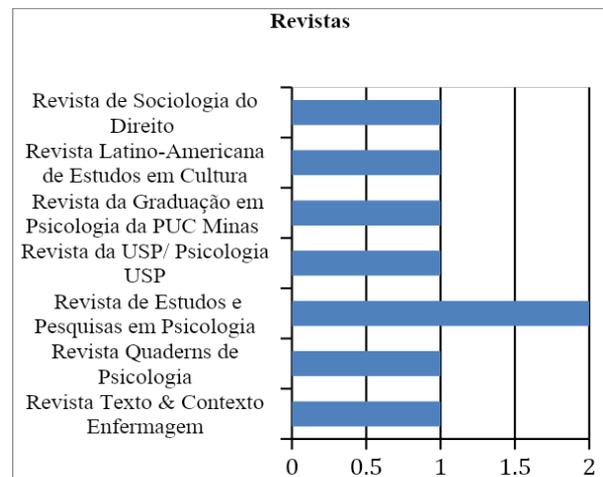
Para mais, é relevante discutir as regiões do Brasil em que esses estudos estão vinculados, sendo: dois na região Sul, um na região Norte e cinco na região Sudeste. Assim, foi possível perceber que a região Sudeste possui o maior número de produções, e que não houve nenhum estudo produzido na região Nordeste e Centro-Oeste que correspondesse aos critérios de inclusão previamente definidos. Para uma melhor visualização, segue a figura 3.

É relevante observar também os periódicos em que esses artigos foram publicados, podendo verificar quais áreas discutem e divulgam estudos relacionados a essa temática.



**Figura 3.** Quantidade de artigos de acordo com a região vinculada. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2023.

Na pesquisa, foi possível analisar os seguintes periódicos que tratam sobre o tema de pesquisa, sendo eles: Revista Texto & Contexto Enfermagem, Revista Quaderns de Psicologia, Revista de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Revista da USP/ Psicologia USP, Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, a Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Revista de Sociologia do Direito. Em vista disso, foi possível observar que a Revista de Estudos e Pesquisas em Psicologia é o periódico que possui o maior número de publicações a respeito da temática nos últimos cinco anos. Segue a figura abaixo que apresenta o número de artigos analisados distribuídos nos periódicos em que foram publicados:

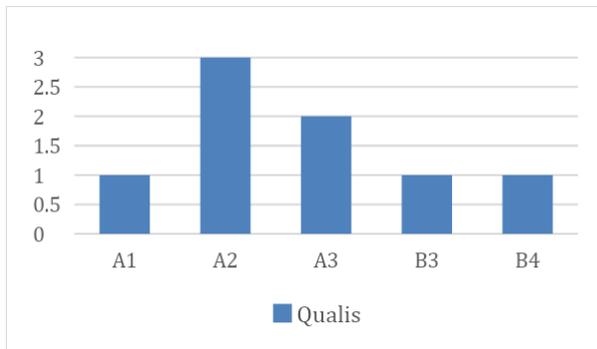


**Figura 4.** Quantidade de artigos de acordo com o periódico publicado. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2023.

As revistas em questão possuem determinados *qualis*, que segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), apontam a qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. O nível de qualidade varia em uma escala decrescente, em específico A1; A2; A3; A4; B1; B2; B3; B4; B5 e C, onde A1 indica ao nível mais elevado e C ao nível menos elevado<sup>14</sup>.

A partir do refinamento, os artigos selecionados foram publicados em periódicos que possuem os seguintes *qualis*: um com *qualis* A1, três com *qualis* A2, duas com *qualis* A3, um com *qualis* B3 e um com *qualis* B4. Assim, foi possível perceber que a maioria das bibliografias analisadas se encontram em revistas com

qualis de excelência (A1; A2; A3). Nesse sentido, para uma melhor visualização dos qualis que correspondem aos periódicos que se encontram os artigos definidos para essa pesquisa, segue a figura abaixo:



**Figura 5.** Quantidade de artigos de acordo com a classificação Qualis do periódico em que foram publicados. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2023.

#### 4. DISCUSSÃO

Com base nos resultados adquiridos a partir da análise dos oito (8) artigos que foram escolhidos diante da seleção criteriosa nas bases de dados citadas anteriormente (SciELO, PePSIC, BVS e CAPES), quatro foram de natureza teórica e quatro de natureza empírica, diante disso, ambos serão discutidos a seguir considerando os principais aspectos apresentados em cada um deles, para fins de sistematização do que vem sendo abordados nos últimos cinco anos acerca da Violência Contra A Mulher Pela Perspectiva Da Fenomenologia.

Trigueiro *et.al* (2018)<sup>15</sup> buscaram compreender os motivos da não adesão ao seguimento ambulatorial por mulheres que experienciaram a violência sexual. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa qualitativa respaldada na Fenomenologia Social de Alfred Schütz, que diz respeito à ação social da pessoa no mundo e na vida. O mundo social é o cenário das ações humanas, e esta ação é planejada pelo sujeito de forma consciente, como projetos, expectativas e os atos realizados. A pesquisa foi feita com onze mulheres atendidas em um serviço especializado, realizando uma entrevista com questões abertas. Assim, a partir da fenomenologia social de Schütz, os dados da pesquisa evidenciaram que os motivos da não adesão ao seguimento ambulatorial por mulheres que experienciaram a situação de violência sexual está relacionada a falta de articulação da rede de atendimento para o acolhimento da mulher, como também a angústia em ter que relatar várias vezes nos serviços as diversas violências diante dos profissionais de saúde. Além disso, Mulheres que não chegaram a concluir o procedimento ambulatorial, esperam superar essa vivência, ressignificando sua vida através da volta aos estudos e ao trabalho.

De Castro (2021)<sup>16</sup>, traz uma compreensão acerca do existir de mulheres submetidas a violência em diferentes fases da vida, desde a infância à vida adulta. O autor buscou realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, aplicando uma entrevista com cinco mulheres e

analisando-a a partir do método fenomenológico heideggeriano. Assim, em muitas falas das mulheres entrevistadas foi possível perceber todas as dimensões de dor, sofrimento, angústia, vergonha e raiva sentidas pelas participantes após a violência sexual, observando que a caracterização do ato violento e o-ser-no-mundo que sofreu violência sexual se manifestam em toda a sua magnitude. Também foi citado pelo autor a importância do ser-com-o-outro nesse processo de enfrentamento da situação de violência vivenciada por estas mulheres, ressaltando o apoio familiar e profissional.

O estudo produzido por Nicoletta *et al.* (2022)<sup>17</sup>, foi desenvolvido a partir de um projeto com o tema: “Transtorno de estresse pós-traumático e neuro progressão: trauma e estresse no aumento da carga alostática e aceleração do processo de envelhecimento”, realizado com mulheres vítimas de violência sexual e que desenvolveram estresse pós-traumático no estado de São Paulo. Nesse sentido, foram apresentados relatos de violência sexual na infância e na adolescência por mulheres adultas, com o objetivo de proporcionar compreensões acerca dessa vivência e possibilidades de intervenções adequadas. Assim sendo, os autores realizaram entrevistas com quatro mulheres e em seguida, seus discursos foram analisados a partir da fenomenologia de Heidegger, compreendendo que o indivíduo é o que acontece no seu campo existencial e essa existência é originariamente indeterminada, assim, uma existência se dá como ser-no-mundo, herdando significados, tradições e crenças historicamente construídas. Desse modo, essa visão possibilita olharmos para os relatos das mulheres, considerando o contexto e o mundo de cada uma delas como um horizonte histórico, proporcionando um norte para pensar em estratégias de cuidado com esse fenômeno.

Incerpe *et al.* (2020)<sup>18</sup>, vão apresentar os resultados de uma pesquisa qualitativa pelo método fenomenológico de Edmund Husserl que objetivou compreender a experiência de profissionais no atendimento a mulheres em situação de violência em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Assim sendo, a pesquisa fenomenológica busca descrever e compreender as situações vividas pelos indivíduos em seu cotidiano, buscando permanecer o mais fiel possível ao fenômeno e ao contexto em que ele aparece. A partir disso, as autoras realizaram encontros dialógicos individuais com duas psicólogas e quatro assistentes sociais. O encontro dialógico pode ser entendido como um envolvimento existencial entre pesquisador e participante, sendo assim, é formado um campo fenomenológico experiencial. A pesquisa apontou que os elementos fenomenológicos desvelados mostram a necessidade de reflexão e discussão acerca das relações entre homens e mulheres na sociedade brasileira, e como essas podem influenciar diretamente nas atitudes e ações dos profissionais atuantes na rede de atenção a mulheres em situação de violência, mostrando a necessidade de refletirem sua prática ao receberem as demandas de mulheres em qualquer serviço da rede.

De acordo com Nielsson (2019)<sup>19</sup>, ao discutir sobre o caso de duas menores argentinas que sofreram violência sexual e que tiveram seu legítimo direito ao aborto negado, analisando o papel do Estado como omissor e violador de direitos humanos, pautado pela influência do fundamentalismo religioso que se transforma em conservadorismo político, busca no decorrer do texto desvelar em que medida a atuação do fundamentalismo religioso, legitimado por um Estado soberano que violentamente inscreve seu poder nos corpos femininos repercute no trabalho de profissionais quanto à prática do aborto legal e quando isso vira uma violação de corpos. Na discussão, foca em discorrer sobre a violência em corpos específicos, revelando uma guerra contra os corpos das mulheres, com objetivo de verificar uma atuação de violência e controle da vida reprodutiva da mulher por parte do Estado soberano e analisar o exercício do fundamentalismo religioso legitimado pela demora do Estado em dar respostas em casos de aborto legal, sendo utilizado de respaldo a metodologia de abordagem fenomenológica hermenêutica.

Em Silva et al. (2021)<sup>20</sup>, ao discutirem a respeito das percepções sobre o plantão psicológico em uma delegacia de defesa da mulher tratam a respeito da utilização do plantão psicológico como ferramenta no combate à violência contra a mulher com isso, utilizou como metodologia os fundamentos da Abordagem Centrada na Pessoa na obra de Carl Rogers, trazendo também a reflexão e crítica as plantonistas que estão inseridas em um ambiente de muita carga emocional, no decorrer do artigo se analisa as percepções das plantonistas e agentes de uma DDM (Delegacia de Defesa da Mulher) sobre a violência de gênero e seus impactos psíquicos no cotidiano pessoal e de trabalho dessas mulheres. Para isso foi entrevistado 23 mulheres com idade entre 19 e 56 anos (M=28, 26; DP=10, 15), e o material coletado foi analisado pelo *software Iramuteq*, foram avaliados 1.304 segmentos de texto, gerando uma retenção de 98,27% do total, os quais conceberam seis classes, dentre as quais a de maior expressividade foi a classe 1 “impacto da violência”, com 21,55% dos segmentos de texto, assim foi visto desgastes físicos e emocionais foram desencadeados pelos atendimentos, porém as plantonistas e agentes da DDM não recebem apoio emocional para realizar suas funções, tendo assim que desenvolver estratégias de enfrentamento pessoal.

Correa et al. (2020)<sup>21</sup>, em “Atendimento a mulheres em situação de violência: a experiência de profissionais de um Creas entre a vítima e a culpada: relato de um pedido de ajuda sob o olhar da logoterapia e análise existencial” na busca de respostas para os conflitos no binômio: vítima/culpada emergentes nos atendimentos de mulheres que utilizavam os serviços do CREAM (Centro de Referência Especializado de Atendimento à Mulher) de um município da região metropolitana de Minas Gerais, utilizou como base o caso de Aghata, atendido em experiência de estágio curricular vinculado ao Setor de Proteção Social da Secretaria Municipal de

Assistência Social, para problematizar as operações subjetivas das mulheres em situação de violência, visando o fortalecimento das políticas de atenção à mulher. Para a análise utilizou-se da metodologia existencial-humanista das configurações de sentido que emergem da situação vivenciada pelas mulheres, buscando compreender as construções subjetivas que geram uma retificação da sua posição frente ao agressor e às agressões sofridas. O estudo demonstrou que ter que “conviver com o medo” impediu Agatha de gritar sua dor, mas ela não é a única a silenciar-se, o meio circundante e até mesmo o seu agressor detém-se pelo imperativo do silêncio, tornando a violência dos homens contra as mulheres invisíveis socialmente, decorrente do estudo foi visto que uma saída possível rumo à superação desta impactante realidade são os grupos de encontros com mulheres, que para romper com os grilhões do domínio privado é necessário um engajamento concreto dos homens na luta pela superação da dominação e abuso do homem à mulher.

Santos (2018)<sup>22</sup>, vai fazer uma análise da obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus, demonstrando que a mesma é um testemunho de uma existência condenada. Inicialmente o autor buscou explicar o que vem a ser a existência condenada a partir de uma crítica decolonial à ontologia fenomenológico-existencial de Heidegger e Sartre. Assim, é utilizado a leitura de Maldonado-Torres sobre a perspectiva ontológica do Dasein proposta por Heidegger, pontuando que do ponto de vista do colonizado algumas acepções da ontologia heideggeriana com presunção universal, necessitam ser melhor analisadas. Desse modo, o referente estudo constatou que a fenomenologia-existencial, desde que descolonizada, pode oferecer uma melhor compreensão no que diz respeito para o mundo popular e subalterno latino-americano que tem como característica distinta dos países da Europa a vivência da opressão pela via étnico-racial.

## 5. CONCLUSÃO

A realização desta revisão sistemática possibilitou contribuir enquanto embasamento teórico acerca da temática, posto que ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que trazem discussões voltadas especificamente ao tema violência contra a mulher na perspectiva da abordagem fenomenológica, além de ser possível observar a partir da busca realizada a escassez de estudos advindos da região Nordeste.

Na construção do presente trabalho foi possível constatar que a pesquisa é válida e leva a observar pela percepção de cada artigo e casos apresentados como esse corpo feminino é entendido por meio de uma construção social machista que ainda normaliza e de certa forma, esconde as situações de violência sofridas pelas mulheres, apresentando como a fenomenologia compreende esse aspecto.

Ademais, é importante frisar que as análises apresentadas no decorrer do presente estudo não esgotam a infinidade de possibilidades para discussões

acerca da temática. Podendo-se realizar uma revisão sistemática de literatura de publicações internacionais.

## 6. FINANCIAMENTO

O referido estudo foi financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA).

## 7. REFERÊNCIAS

- [1] Brasil. Instituto de Pesquisa DataSenado. Procuradoria Especial da Mulher. Observatório da Mulher contra a Violência. Violência doméstica e familiar contra a mulher 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/comum/violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-2019>
- [2] Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. São Paulo (SP): Martins Fontes; 1999.
- [3] OMS, Organização Mundial de Saúde. Genebra: OMS; 2002.
- [4] Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União, 8 ago. 2006.
- [5] Caputi J, Russell DEH. Femicide: sexist terrorism against women. In: Femicide: sexist terrorism against women. New York: Twaine Publishers, 1992; 13-24.
- [6] Oliveira PPD, Viegas SMDF, Santos WJD, et al. Vítimas de violência doméstica: uma abordagem fenomenológica. Texto & Contexto-Enfermagem, 2015; 24:196-203.
- [7] Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. São Paulo (SP): Martins Fontes; 1999.
- [8] Bragagnolo F. Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo. Intuitio, 2014; 7(2):73-88.
- [9] Martins RWA, Manhaes IS, Vieira, HM. Violência contra a mulher: olhares feministas e fenomenológico sobre a questão.
- [10] Tourinho CDC. A crítica de Husserl ao positivismo. Revista Enfil, (1). 2023.
- [11] Braga TBM, Farinha MG. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies. 2017; 23(1):65-73.
- [12] Streubert HJ, Carpenter DR, Santos APS. Investigação qualitativa em enfermagem: avançando o imperativo humanista. 2. ed. Camarate: Lusociência, 2002.
- [13] Koller SH, Couto MCPP, Hohendorff, JV. Manual de produção científica. Penso Editora, 2014.
- [14] Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Classificação da produção intelectual. 2017. Recuperado em 15 de dezembro de 2023, de <https://sucupira.capes.gov.br/>.
- [15] Trigueiro TH, Silva MH, Oliveira DM, et al. Não adesão ao seguimento ambulatorial por mulheres que experienciaram a violência sexual. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 27, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018006490015>
- [16] De Castro EHB. Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico. Quaderns de Psicologia, 2021; 23(1):9. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/psicologia.1633>
- [17] Nicoletta BS, Mello MF, Coelho M. Compreensões Fenomenológicas da Reexposição ao Trauma Sexual com Base nos Relatos de Mulheres. Estudos e Pesquisas em Psicologia. 2022; 22(2):523-544. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.68634>
- [18] Incerpe PRB, Cury VE. Atendimento a Mulheres em Situação de Violência: A Experiência de Profissionais de um Creas. Estud. pesqui. psicol. [online]. 2020; 20(3):919-939. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.54357>
- [19] Nielsson JG, Delajustine AC. Quando o fundamentalismo religioso se inscreve nos corpos femininos e o estado viola o direito ao aborto legal. Revista Brasileira de Sociologia do Direito. 2019; 6(3). DOI: <https://doi.org/10.21910/rbsd.v5n3.2019.338>
- [20] Silva AMB, Bini MCN. Percepções sobre o plantão psicológico em uma Delegacia de Defesa da Mulher. Psicologia USP. 2021; 32:e200201. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200201>.
- [21] Correa RS, Nunes KG. Entre a vítima e a culpada: relato de um pedido de ajuda sob o olhar da logoterapia e análise existencial. Pretextos – revista da graduação em psicologia da puc minas. 2020; 5(9):309-327.
- [22] Santos GAO. Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus: testemunho de uma existência condenada. PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura. 2018; 77-89. DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v0i15.10519>